

Lucía Barbero Fuks

Um trajeto na psicanálise

Participantes Augusto Portugal, Isadora Barreto, Luiz Gallina, Marcia Eugenia Cerdeira, Roberta Nazaré Bechara Ventura

Era 2021, e a pandemia de COVID-19 determinava que nossa formação no Curso de Psicanálise continuasse a ser remota. Frequentando o grupo de supervisão online coordenado por Lucía Barbero Fuks, foi nos 15 minutos anteriores e nos 15 minutos posteriores aos nossos encontros – tempo aberto por Lucía para nossa convivência – que surgiu a ideia de entrevistá-la. Naquele contexto pandêmico, com toda a transformação produzida pelo isolamento, estava ocorrendo com ela um movimento de relembrar, repensar, recuperar coisas da vida, suas histórias. O registro que apresentamos a seguir corresponde ao diálogo que desenvolvemos em dois encontros especificamente marcados para esta finalidade. Através deste testemunho, o leitor terá acesso tanto à trajetória pessoal de Lucía quanto a fatos e processos relevantes para a história da psicanálise na Argentina, no Brasil e no Sedes.

Primeiros tempos

PARTICIPANTE Nosso convite para esta conversa partiu da sua abertura a um tempo de convivência entre os participantes do nosso grupo de supervisão que pudesse diminuir o isolamento imposto pela pandemia...

LUCÍA Justamente, eu estava lembrando que em algum desses minutos iniciais dos nossos encontros de supervisão, em que estávamos batendo papo, apareceu uma lembrança minha... Morando no Pacaembu, em uma casa rodeada de verde, o isolamento social



me trouxe a lembrança do que era minha vida de criança na fazenda, rodeada de verde e sem nenhuma saída. Esse foi um ‘disparador’ inicial.

Depois me ocorreu uma questão que quero articular ao conceito de língua materna. Como isso me influenciou?

Nasci em Lima, no Peru. Minha mãe era peruana, assim como toda a sua família de origem, e meu pai era argentino. Ele passou um tempo no Peru, onde criou uma empresa; ali eles se conheceram, se casaram e foram para a Argentina, que era o lugar do meu pai, onde fixaram a família que constituíram. Os filhos chegamos bebês, crianças, à Argentina. Minha mãe queria estar lá, mas para ela também era visivelmente uma perda, especialmente da vida social que tinha em Lima. Passar de Lima a uma fazenda é bastante diferente. Então, ela recebia as revistas peruanas – *Caras* e *Caretas* ela recebia mensalmente. Não sei como lhe chegavam. Mas assim nos informava de tudo o que acontecia em Lima, o que posteriormente achei um excesso de amor: o que tinha eu a ver com isso, não? Mas para ela era uma necessidade.

Essa fazenda inicial era no estado de Córdoba. Para vocês não indica nada, mas na Argentina indica muito, porque os cordobenses têm um sotaque absolutamente marcante, que logo se reconhece. Então começou a história de por que não ir para a escola: não vivíamos perto de uma cidade grande, mas sim de um pequeno povoado, onde havia uma escola estadual, na qual minha mãe não quis nos matricular. Foi quando meus pais colocaram uma escola dentro da fazenda, com uma professora que vinha ensinar três alunos, que éramos os três irmãos, de idades diferentes. Isso perdurou pelos seis anos iniciais da escolarização.

A escola que meu pai construiu dentro da fazenda não era na própria casa, estava separada. Tinha bandeiras, mapas, tudo o necessário: era uma escola – mas com três alunos. Retrospectivamente, acho que daí deve ter surgido um pouco, para mim, a questão da psicanálise, porque meus irmãos tinham problemas entre eles e a ponte era sempre eu (risos); deve ter sido daí que começou

*meus pais colocaram
uma escola dentro da fazenda,
com uma professora que vinha
ensinar três alunos, que éramos
os três irmãos, de idades diferentes*

a observação dos conflitos, tanto os subjetivos quanto os interpessoais.

Tudo foi feito muito precocemente, e quando entrei no Ensino Médio estava com 11 anos de idade. Ingressei na faculdade de medicina aos 16 anos. Na ida para o Ensino Médio, a mente do meu pai encontrou a continuidade dos cuidados oferecidos na fazenda num colégio interno de freiras! Meus pais eram católicos, sim, mas meio de longe. Na hora H, a possibilidade para nós meninas eram as freiras; para meu irmão, o colégio Marista, dirigido por irmãos, não por padres. Essa experiência, sinceramente, foi marcante. Minha irmã, que era mais velha e já estava lá, não foi muito solidária quando eu cheguei, como se dissesse: “que se vire, essa menina menor que não sabe da vida”. E praticamente, ao longo do tempo, se deu meu rompimento com a religião, porque suportar as freiras, a missa cotidiana, era caótico.

PARTICIPANTE Além de ter sido a cidade onde primeiro se criou uma universidade na América Latina, Córdoba foi muito marcada nos anos 1960 pela radicalização operária sindical. Houve um levante em Córdoba. No contexto da formação inicial de vocês nessas escolas de tradição católica, havia uma postura mais aberta, contemporânea da teologia da libertação, do Papa João xxiii?

LUCÍA Não. Aliás você me fez lembrar de uma coisa importante, porque, pela lógica, o colégio de freiras a que deveríamos ir seria em Córdoba; mas com esse cuidado que minha mãe tinha de não falarmos como os cordobenses, a escola de freiras escolhida foi uma em Rosário, no estado de

*eu continuo sendo
argentina, e mantenho
há décadas este sotaque.
Digamos que as marcas iniciais
são totalmente fortes*

Santa Fé, completamente diferente. Ficava mais longe da fazenda, era mais difícil para ir e voltar. Nós saíamos uma vez a cada três ou quatro meses, mas não havia sotaque: a questão do sotaque era importante.

Neste momento tenho mais tempo de vida no Brasil do que na Argentina, mas essa é outra coisa para pensar, sobre as marcas identitárias: se fosse pelo tempo de vida, já seria mais brasileira que argentina. No entanto, eu continuo sendo argentina, e mantenho há décadas este sotaque. Digamos que as marcas iniciais são totalmente fortes.

PARTICIPANTE Como era a vida na fazenda, por que foram morar lá? Em consequência das escolas relativas ao trabalho do seu pai?

LUCÍA Foi bem marcante porque não havia outra realidade. A família de origem do meu pai tinha terras perto da cidade de Córdoba; meu avô paterno queria que meu pai fosse a pessoa a administrar toda essa parte da vida familiar, e meu pai quis se distanciar. Ele administrava de longe, e a fazenda que comprou estava distante, próxima de Rio Cuarto, que é outro lugar. Como se ele precisasse ter um espaço próprio. Manteve contato com a família, a mãe e o pai dele, até morrerem, mas não queria ser o administrador de suas terras. O engraçado é que meu pai não era um homem do campo, mas um intelectual: não ficava na fazenda cuidando das coisas no dia a dia, e simulando o tempo inteiro. Fazia uma administração mais terceirizada; decidia as coisas, mas não se atraía pelo trabalho concreto.

PARTICIPANTE Como era a escola entre irmãos? Pode contar um pouco mais desse tempo de vida na fazenda? 

LUCÍA Nossas aulas na fazenda eram, suponhamos, de uma da tarde até as seis. Minha mãe, que não tinha muito o que fazer ali, nos dava aula de piano, por uma hora e meia ou duas para cada um dos três filhos, apostando que um de nós seria pianista. Ninguém foi. A pior era eu, porque não tenho ouvido musical; então às vezes dou risada, e penso: ah, tenho um diploma de professora de piano, em teoria e solfejo... Chamava-se Conservatório Williams, todos fizemos, mas eu não sei nada, absolutamente nada, desses assuntos. É impressionante como nos desligamos de algo a que somos obrigados... Não é mais comigo. Já o meu irmão toca piano até agora, ele aceitou.

PARTICIPANTE E vocês tinham contato com outras crianças?

LUCÍA Com algumas crianças sim; havia as crianças que eram filhas dos funcionários da fazenda, mas elas não participavam da escola. Meu pai fez uma escola pública em um canto da fazenda para que fossem as crianças da região, não só da fazenda, mas a essa escola nós não íamos. E em Rio Cuarto havia um médico, que minha mãe consultava. Ele tinha um filho mais ou menos da nossa idade, e esse filho vinha passar as férias escolares na fazenda. Seus pais vinham aos domingos para visitar os meus, trazendo o filho. A única vida social era essa.

PARTICIPANTE E da fazenda você foi para o colégio interno.

LUCÍA Exato, dali para o colégio interno. Na gíria brasileira, diríamos que eu era bem caipira, desconhecia um monte de coisas que eu percebia e não perguntava. Quer dizer, percebi que eu tinha uma defasagem na informação, por exemplo, sobre a sexualidade, e diferentes coisas, mas não perguntava para não mostrar que não sabia. Pensei então em estudar medicina, talvez para aprender tudo o que eu desconhecia. Meu pai lia muito, tinha uma biblioteca enorme...



PARTICIPANTE O seu pai, que formação tinha? Alguma formação acadêmica?

LUCÍA Sim, fez ciências econômicas. Por isso o pai dele pensava que seria o administrador dos bens da família, porque tinha estudado economia. Mas ele meio que se afastou, e tinha uma biblioteca enorme, que ainda existe na fazenda. Então tínhamos as aulas de piano com minha mãe e a parte de estudo era meu pai quem supervisionava. Às vezes, ele fazia o resumo do que tínhamos que dar conta no dia seguinte, com a professora. Ele tomava a lição de noite para ver se tínhamos lido e se sabíamos o que íamos falar, e no dia seguinte chegava a professora.

Quando fui para a escola de freiras, aos onze anos, me interessei pela medicina porque não tinha nada a ver com a vida que eu seguia lá. Na fazenda, entre tantos livros, eu lia A. J. Cronin, não sei se vocês aqui leram o livro famoso desse autor escocês, *A cidadela*. Ele fala muito da vida de um médico e de todo o trabalho que fazia, e aí entrou para mim como uma coisa interessante, pensar em ser médica. Nessa época se falava muito de um médico alemão chamado Albert Schweitzer, que fez um trabalho humanitário na África, ele era músico, teólogo e médico. Era de uma família importantíssima da Alemanha, foi para a África e ficou anos lá trabalhando como médico. Li algo disso, e na minha cabeça, a autointerpretação que eu me faço, é que queria sair de lá de qualquer forma, indo para bem longe, mas saindo do isolamento da fazenda.

PARTICIPANTE E o que te impressionou na cidadela daquele médico?

LUCÍA Um dia em que possa voltar, vou ler de novo *La Ciudadela* e ver que impressão me causa, ver porque me impactou tanto esse livro.

Atualmente a fazenda continua sendo da família, mas não fica em Córdoba, porque meu pai em determinado momento saiu de lá e foi para outro estado, mais próximo de Buenos Aires. Os livros continuam lá. Quando se disse que Córdoba é uma cidade tradicional, compromissada e tudo mais, é tudo isso mesmo. Mas a partir da saída

quando fui para a escola de freiras, aos onze anos, me interessei pela medicina porque não tinha nada a ver com a vida que eu seguia lá

da fazenda a vida foi em Rosário, onde estudei o colegial e onde me formei médica.

PARTICIPANTE Então do colégio de freiras você foi para a medicina em Rosário.

LUCÍA Sim. Aí então minha mãe, que já se vê estava um pouco cansada de viver na fazenda e que viu que íamos permanecer estudando e tudo mais, foi morar em Rosário, onde eles compraram uma casa. Meu pai viajava de lá para a fazenda e voltava, e ela ficou definitivamente na cidade. Então, minha irmã mais velha se formou em Direito e meu irmão em medicina, junto comigo, nessa faculdade de Rosário. Aí vou pular um pouquinho... Por que viemos para São Paulo?

Passagens entre diferentes realidades

LUCÍA Na hora H de ter que sair rapidamente da Argentina, pensamos em meu irmão, que tinha vindo a São Paulo para fazer especialização com o famoso cardiologista brasileiro Euryclides de Jesus Zerbini. Ele tinha vindo para fazer toda a formação aqui em São Paulo porque queria ser cirurgião cardíaco de crianças. Nessa época era muito grande a diferença entre o avanço de Zerbini e tudo que estava acontecendo na USP e a Argentina, onde essa área era muito iniciante. Quando Mario e eu tivemos que sair da Argentina de um momento para outro e com um bebê de cinco meses logicamente pensamos em São Paulo, para depois ver aonde iríamos. Foi a saída possível naquele momento.

*quando entrei para estudar
medicina era para estudar medicina
e pronto, com a influência desse
médico que foi para a África, com
um espírito de ir para o mundo*

PARTICIPANTE Você comenta no livro *História do Departamento de Psicanálise*¹ que em princípio tinha uma vontade maior de ir para a Espanha, o Mario para o México, mas aqui havia a ponte do seu irmão. Como estamos falando da história dos fatos, mas também da história dos afetos, pode contar o que você imaginava em relação à Espanha?

LUCÍA Para mim a Espanha era importante, até porque Valentín Barembliitt, que foi o chefe anterior no hospital de Lanús, o primo do Gregorio, foi para Barcelona, e muitos colegas com os quais eu tinha muita relação em Lanús estavam em Barcelona. Para mim era lógico ir para lá. E para Mario, que estava mais compromissado com a questão política, a referência eram os colegas da faculdade de medicina dele, que foram para a Cidade do México.

Na dúvida, foram surgindo coisas aqui em São Paulo, onde permanecemos. Mas também por escolha, não foi acaso. Entre outras coisas, diríamos que houve a escolha profissional, e também algumas questões familiares, porque quando alguém sai assim sem programação, por necessidade, pode não ser o melhor momento. Por exemplo, nesse período meu pai não estava bem de saúde, e a irmã do Mario, que na infância tivera

uma febre reumática que deixou lesões cardíacas importantes, também não estava bem. Essa situação influenciou para não nos afastarmos tanto, porque voltar para Buenos Aires de São Paulo é muito mais fácil que da Espanha ou da Cidade do México.

PARTICIPANTE No texto publicado na *Percurso 52* – “De como o terrorismo de estado pôde atingir o campo da saúde mental na Argentina”² – você falou bastante sobre o trabalho no Lanús, mas antes valeria comentar aqui da faculdade de medicina: como você foi para a psiquiatria? Já tinha a psicanálise em vista?

LUCÍA De jeito nenhum. Quando entrei para estudar medicina era para estudar medicina e pronto, com a influência desse médico que foi para a África, com um espírito de ir para o mundo. Não tinha uma especialidade na cabeça, e diante da predominância masculina naquele ambiente eu me sentia muito cuidada. Na época em que comecei, aos 16 anos, devíamos ser quatro ou cinco mulheres em cem alunos do primeiro ano. No entanto, a atitude sempre foi cuidadosa. É verdade que meu irmão já estava na faculdade, era uma faculdade conhecida, equivalente à USP daqui. Lá não existe toda essa história de vestibular, você entra diretamente, e se não vai bem no primeiro ano, sai. Então na prática eu circulei tranquila pela medicina, onde os plantões para as mulheres eram de dia. Durante o estudo, me senti mais motivada para fazer pneumologia; depois passou, fui para a psiquiatria.

Nessa época, Emiliano Galende, que era de Rosário e também foi para Buenos Aires, psicanalista conhecido na Argentina, com vários livros publicados, estava na psiquiatria de Rosário. Quando me formei, chegou a informação de que existia esse hospital de Lanús, que era uma coisa avançada, e me interessei. Mas não tinha uma forte definição, nunca tinha me analisado até essa altura. Aí reconheço que meu pai, apesar daqueles critérios de escola na fazenda e de colégio de freiras, apostava na vida profissional das filhas: quando eu quis ir para Buenos Aires,

1 Cytrynowicz, M. M. e Cytrynowicz, R. (orgs.). *História do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*. São Paulo: Narrativa Um, 2006. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/Sedes%20Miolo%20Final%20dupla.pdf

2 Disponível em: http://revistapercurso.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1101&ori=autor&letra=F





a única condição que ele colocou foi que me hospedasse em um hotel de alto nível, de custo econômico elevado, porque aí ninguém poderia entrar no quarto (risos).

Quando me formei tinha 22 anos, e assim que cheguei a Lanús, era inerente que as pessoas tinham que se analisar: era de fato uma instituição pluralista, democrática, mas não tinha ninguém que não fosse psicanalista. Havia um neurologista, que se ocupava das consultas neurológicas, e todos os outros médicos e psicólogos eram psicanalistas. Imediatamente percebi que tinha que me analisar – nessa época, quatro vezes por semana. Então é isso que eu admiro, porque se fosse pela cabeça do meu pai eu não estaria fazendo nada disso, absolutamente nada. Mas ele bancou tudo economicamente, porque eu não tinha condições. Lembro o comentário da minha mãe para ele: “Você está pagando tudo isso para ela falar mal de nós?” (risos)

PARTICIPANTE Sua mãe tinha alguma notícia, então, do que poderiam vir a ser as questões da psicanálise...

LUCÍA Certamente. Essa evolução foi muito significativa. Depois de estar em Buenos Aires, logicamente percebi que não voltaria para Rosário. Foi na residência que conheci o Mario, e então a vida já foi ficando mais definida. O que posteriormente levou meus pais a se mudarem... a fazenda sempre existiu, mas a casa que tinham em Rosário passou a ser em Buenos Aires.

PARTICIPANTE Eles foram acompanhando de algum modo, você foi para Rosário e seu irmão também, depois eles foram pra Buenos Aires.

Lanús

PARTICIPANTE Vamos entrar no Lanús? Você comentou que era menos a questão da psicanálise, à qual ainda não estava tão ligada, mas que ali havia muita inovação, tanto do ponto de vista dos valores da sociedade – valores sociais, políticos, humanistas, pluralistas – quanto de muita

para mim foi sumamente fundamental analisar-me em quatro sessões por semana, para poder fazer uma revisão de todas essas coisas vividas e entrar em um ambiente totalmente diferente

inovação terapêutica. O Lanús é um pioneiro na luta antimanicomial, não só na luta mas na oferta de um serviço de psiquiatria dentro de um hospital geral. Lanús tinha hospital-dia também, e assembleias periódicas que reuniam pacientes internados, familiares e terapeutas de forma igualitária. Isso soa novo até hoje...

LUCÍA Vocês viram, pelo que fui contando, como minha vida teve períodos bem diferentes: o da fazenda, de fechamento total intrafamiliar; o da escola de freiras, que também foi outro fechamento, com muitas discordâncias... Depois a faculdade de medicina em Rosário, uma faculdade super tradicional: muito boa, muito bem avaliada, mas também uma estrutura muito fechada no sentido de política: tudo bastante objetivo, cabeça tradicional de médicos. Aí, quando fui para Lanús era uma virada absolutamente diferente, era outro mundo. Na prática, diríamos que para mim foi sumamente fundamental analisar-me em quatro sessões por semana, para poder fazer uma revisão de todas essas coisas vividas e entrar em um ambiente totalmente diferente. Eu aderi muito, porque era uma possibilidade de fazer um desafo, falar o que eu estava observando das críticas, os choques que eu tinha frente a uma situação e outra, era um momento elaborativo necessário e imprescindível.

PARTICIPANTE Sua trajetória, inclusive política, se situa num campo social que tem a marca da luta contra duas ditaduras; na vigência da primeira houve toda uma ebulição social em 1969, quando o movimento operário de Córdoba foi um motor

*nada de fechamento proibitivo,
mas todo um trabalho
de muita atenção cotidiana
com esses pacientes, tanto dos
médicos quanto dos residentes
e da enfermagem*

poderoso para derrubar o ditador Juan Carlos Onganía. Como Lanús se insere na história de contestação Argentina, e como isso modulou sua presença na instituição?

LUCÍA Vamos esclarecer o seguinte: estou fazendo um relato desde a minha história. E nesse sentido, das passagens que fiz por diferentes realidades – tanto esse microclima da fazenda quanto o outro microclima da escola de freiras, que acabou com a minha religião, e a faculdade de medicina de Rosário, que seria um lugar de conhecimento específico, mas reacionário, onde o que valia era o estudo e a medicina – entrar depois no Lanús, um lugar absolutamente avançado, com a maior parte do pessoal posicionado na política da esquerda, era outro mundo e outra realidade.

Desde que entrei na escola de freiras, eu me toquei de que era melhor não abrir muito o jogo e não falar muito do que estava pensando, que era tranquilo me manter observando e me apropriando dos conhecimentos que adquiria na faculdade de medicina. Quando entrei no Lanús, tive de novo essa sensação, de que era melhor observar e ver onde eu estava; mas também ali me senti muito bem recebida e acolhida, trabalhando nessa realidade muito concreta, em que a política entrava muito, a ideologia também, as posições avançadas estavam permanentemente presentes e influenciavam o trabalho.

Esse lugar era tão reconhecido que Franco Basaglia, psiquiatra italiano, e David Cooper, psiquiatra sul-africano, foram ao Hospital de Lanús visitar o trabalho que se fazia lá, reconhecido

como um lugar inédito, porque internações psiquiátricas dentro de um hospital geral eram coisa totalmente inédita. »

PARTICIPANTE É de fato uma experiência singular, a saúde mental inscrita na saúde geral...

LUCÍA Era um trabalho muito cuidadoso, pelo fato de ter pacientes psicóticos internados no mesmo andar em que se internavam pacientes com problemas de clínica médica, internações gerais por diferentes alterações de saúde. Num lado, internação de homens, e noutro de mulheres, cerca de 40 leitos, 20 de um lado e 20 de outro, e todo um trabalho, porque de fato esses pacientes psicóticos não podiam sair pelos corredores fazendo isto e aquilo. Havia todo um trabalho, nada de fechamento proibitivo, mas todo um trabalho de muita atenção cotidiana com esses pacientes, tanto dos médicos quanto dos residentes e da enfermagem. Por isso se faziam essas assembleias.

Os familiares chegavam a cada tanto tempo, sua ida não era contínua. Mas as reuniões de todos os pacientes com todo o pessoal que trabalhava ali eram semanais, para poder articular algo como uma comunidade terapêutica, para que a pessoa tomasse consciência de que estava ali, do que estava fazendo, de que estava sendo atendida, diferentes questões. O tempo de duração da internação não passava de três meses, no máximo quatro. Depois eram atendidos em consultas externas. Então a evolução era muito boa, a trajetória. Logicamente não eram pacientes crônicos, pacientes que já tivessem passado anos internados em um hospício. Tinham um quadro psicótico, porém com condições de se recuperar.

PARTICIPANTE Essas assembleias semanais igualitárias parecem conter certa horizontalidade. Como funcionavam?

LUCÍA Com os familiares aconteciam uma vez por mês, para que pudessem saber que tipo de tratamento estavam recebendo os pacientes, a problemática da pessoa, mas também da própria família que estava lá. Trabalhava-se com as famílias, coisa que habitualmente não se faz num

« hospício. Mas também o tratamento da comunidade permitia que o paciente não se sentisse recluso num lugar, pois estava participando de uma experiência de trabalho junto com médicos psiquiatras, enfermagem, assistente social, terapia ocupacional, com todos os implementos... tinha uma oficina de arte, todas essas coisas possíveis à disposição.

PARTICIPANTE Não estavam reclusos, nem no sentido de presos, nem no sentido de isolados.

LUCÍA Sim. Depois da residência, fui para o departamento de adolescentes, onde tínhamos criado justamente a ideia de fazer na puberdade grupos separados, meninas com terapeutas mulheres e meninos com terapeutas homens, para que fluísse a conversa sobre a sexualidade, as questões, masturbações, diferentes coisas de que não é fácil falar em grupo, e menos ainda em um grupo heterossexual. E essas coisas avançaram muito, foram muitas as descobertas interessantes que se fizeram. Também havia trabalho com gerontologia.

Depois, para a ditadura militar, Lanús se converteria em um lugar que tinha que ser destruído, que não podia continuar. Eles denominavam como PAI – igual a pai, em português –, sigla em espanhol para Presumível Agitador Ideológico. E, em todos esses anos em Lanús – dez anos até chegar ao Brasil – a vida, todo o trabalho era compartilhado, todas as coisas se davam em grupos de amigos e conhecidos. Mas a parte de comprometimento político mais estrito era de cada um. Eu, por exemplo, não estava em nenhum grupo político clandestino. Tinha pessoas que sim, por exemplo Martha Brea, uma colega minha que desapareceu; mas ela nunca falava disso, pois a vida profissional se separava da vida de militância. De qualquer forma, para a ditadura militar essa diferença não existia, pois se todos estavam ali, todos estavam comprometidos. Não importava o detalhe do que estava fazendo um ou outro.

O criador de toda essa experiência de Lanús era Maurício Goldenberg. Dois filhos dele foram mortos, ele tinha quatro filhos, dois foram mortos porque eram militantes ativos. Quer dizer, não

para a ditadura militar, Lanús se converteria em um lugar que tinha que ser destruído, que não podia continuar. Eles denominavam como PAI, sigla em espanhol para Presumível Agitador Ideológico

só Martha, mas vários colegas desapareceram ou foram mortos, eram pessoas que tinham um comprometimento maior. Valentín Baremlitt foi o chefe quando saiu Goldenberg, e depois fui eu a escolhida; ele não era militante de nenhum grupo desses mais comprometidos, mas foi sequestrado, torturado, ficou bastante tempo detido, e quando saiu nos avisou para procurá-lo e nos disse: “Vocês saiam já! Não podem permanecer”.

Voltamos para casa para buscar nosso bebê, Emiliano, que tinha cinco meses, e saímos, nem as malas fizemos. Porque nesse período já tinha sido sequestrada Martha Brea. Ainda não se sabia o que estava acontecendo com ela, mas já tinha desaparecido.

PARTICIPANTE Esse chamado do Valentín foi decisivo, mas você conta que já estavam pensando, considerando...

LUCÍA Sim. Por exemplo, já tínhamos passagens compradas para São Paulo porque frequentávamos outros lugares de formação – para que não fosse só a Sociedade de Psicanálise, onde Mario já estava há três anos e onde eu estava entrando –, de reuniões de diversos profissionais, lugares que também tinham sido invadidos; tinham sequestrado pessoas, era uma situação absolutamente inviável de continuar, de alto risco.

Quando vocês me passaram o roteiro para esta entrevista, voltou-me à cabeça o livro de Julián, *A resistência*³. Entra nesse livro o conceito de autoficção, quer dizer, nem tudo o que está escrito é fato... Não é uma biografia, nem uma autobiografia, é um romance, digamos, autoficcional.

*Mario e um grupo de pessoas
em que também estava
Ana Maria Sigal foram desligados
da faculdade de medicina porque
começou a suspeita de que
se tinha alguma militância*

Isso eu esclareço porque, quando ele conversou conosco sobre essa questão, já que nos expõe um pouco no que ele coloca ali, nós dissemos que essa é a vida literária dele, sobre a qual não podemos ter uma censura. Mas há coisas que de fato se passaram tal como ele ficcionaliza, entre outras, por exemplo, a fuga para o Brasil com um bebê de cinco meses. Era nosso filho que nós tínhamos adotado, no meio de toda essa história louca – e reconheço que era uma paixão minha, porque era o momento menos indicado (risos).

PARTICIPANTE Mas a vida também é feita dessas coisas...

LUCÍA A vida tem outras questões, outras coisas. Então, na minha opinião a vida não poderia se deter pelo trabalho profissional ou político; as coisas acontecem conjuntamente, eu ia sustentando essa posição. Mario tinha mais receio e dizia: “Vamos com calma”. Mas as coisas foram assim.

Riscos e sonhos

PARTICIPANTE O que você pensa disso hoje, riscos e sonhos, a adoção, a maternidade?

LUCÍA Agora entramos em um nível mais pessoal, mas na prática eu sempre pensei que queria ter filhos. Como nas tentativas de engravidar não conseguíamos, em meio a essa tensão que existia, em que era visível que a situação não era das mais tranquilizadoras, chegou uma hora em que

falei: “Vamos pelo caminho da adoção”. A essa altura Mario tinha sido afastado à força de seu cargo na faculdade de medicina. Apesar de toda a vida ficar afetada pela questão política, ter um filho era uma forma de sobrevivência, a vida pessoal continuava. »

Para fechar esse capítulo, uma anedota, digamos assim, divertida. Nesse período justamente, quando estávamos fazendo terapia de casal para tomar decisões, coincidiu que Mario e um grupo de pessoas em que também estava Ana Maria Sigal foram desligados da faculdade de medicina porque começou a suspeita de que se tinha algum outro tipo de compromisso, alguma militância. A indicação que se deu para eles nesse período era que tinham de estar o mínimo possível no endereço conhecido. O endereço conhecido era onde estávamos morando, e Mario tinha que estar o mínimo possível ali. Ou seja, foi atender em outro local, e não podia dormir nesse local. E eu, que estava na chefia do hospital, tinha que fazer o oposto, estar num lugar que fosse facilmente localizável, justamente para provar que eu não estava em uma duplicidade de inserção. Então eu continuava com o consultório no mesmo lugar, trabalhando, fazendo tudo, e de noite eu saía e me encontrava com Mario em um outro apartamento que não existia legalmente, não estava registrado como lugar de moradia. Apesar de aparentemente ninguém perceber esses arranjos da vida cotidiana, o zelador do prédio tinha notado alguma coisa estranha, porque Mario estava diariamente ali e de repente não estava mais. Aparentemente podia ser uma separação.

Quando recebemos Emiliano, nosso filho adotivo, se juntam o pessoal e o político, porque fizemos uma transgressão, no sentido de que Mario voltou, como quem dissesse: “Agora chega, não dá para seguir nessa vida tão absurda”. Ele voltou para o apartamento para estar no dia a dia com o bebê e na vida cotidiana. Num dia em que Mario estava descendo o elevador com o bebê, o zelador se aproximou e disse: “Me deixa ver esse bebê”. Aí olhou, o bebê tinha os olhos claros, azuis, parecidos aos azuis do Mario, e o zelador falou: “Oh,



a doutora é uma santa, é uma santa”, achando que era o filho só dele com outra mulher.

PARTICIPANTE É uma santa. Nossa Senhora.

LUCÍA Aquilo para nós foi perfeito, porque legalizou a situação (risos). Então ficou como se Mario tivesse saído, tido um filho e eu tivesse a generosidade de recebê-lo de novo com filho e tudo.

Isso me faz lembrar que, a essa altura, o primeiro chefe já tinha saído de Lanús por vontade própria, quando viu que os filhos estavam muito comprometidos – não falou isso, mas foi para outro hospital. Valentín Baremlitt ainda não tinha sido sequestrado, mas avisado que era melhor sair; ele se afastou e eu assumi o cargo. Em todo esse ano e meio final, que termina com o sequestro de Valentín e a desapareição de Martha, o trabalho de Lanús foi preservado, só que num clima de muita intranquilidade, muita insegurança.

Formação operativa

PARTICIPANTE Além da Sociedade de Psicanálise, você se referiu a outros lugares de formação...

LUCÍA O lugar de formação a que me referi era o Centro de Docência e Investigação. Ficava em Buenos Aires, e tinha um bar na esquina que as pessoas frequentavam depois das aulas, depois das conversas, conferências e tudo mais. Este bar virou um lugar de despedidas, porque muitas pessoas vinham e falavam: “Estou saindo, estou saindo”, e iam para outros países, e todos eles diziam: “Não sei como vocês ficam aí”. Era um clima de despedida quase permanente.

Antes disso, houve a escola de Pichon-Rivière: foi todo um trabalho na residência, as leituras, os grupos particulares, porque enquanto fazíamos a residência tínhamos grupos de estudo fora e toda uma vida dentro da psicanálise que não era só no hospital.

Uma das coisas valorizadas era essa escola de Pichon-Rivière, que se chamava Escola de Psicologia Social, onde fiz os cinco anos da formação teórica e com grupos operativos. O funcionamento

uma das coisas valorizadas era essa escola de Pichon-Rivière, que se chamava Escola de Psicologia Social, onde fiz os cinco anos da formação teórica e com grupos operativos

era assim: tínhamos uma aula equivalente a um seminário conceitual, e depois uma reunião de grupo operativo, para a qual nos dividíamos em grupos menores com um coordenador e na qual debatíamos teoricamente o conteúdo da aula.

Pichon-Rivière iniciou o trabalho grupal na Argentina, mas quando se fala de grupo operativo em geral se fala de algo que tem a ver com formação dos profissionais: ele criou um esquema que se chama “ECRO – Esquema Conceitual Referencial e Operativo”. Terminada a aula, passávamos a uma sala menor com um professor coordenador para debater teoricamente, para falar do que tinha sido visto, lido, discutido, como se fosse um seminário desses que vocês participam. Com uma diferença: se em determinado momento se fizesse um comentário não especificamente referido à leitura teórica, se aparecesse alguma outra questão, essa outra questão não era deixada de lado, como dizendo: “Não é aqui o lugar”. Ao contrário, entrava na discussão, como dizendo: “O que está inquietando essa pessoa? O que está perturbando? Isso é dessa pessoa ou é do grupo?”

Um trabalho em que o emocional também entrava, não como num grupo terapêutico, não para falar da vida de cada um, mas sim das inquietações que a leitura de algum conteúdo teórico produzia.

PARTICIPANTE Isso tem um caráter formativo: fazia parte da transmissão na formação do analista?

LUCÍA Para Pichon-Rivière, sim. Não estou dizendo que essa fosse a modalidade geral na Argentina, mas na escola de Pichon-Rivière se

a modalidade do grupo operativo faz com que se fale de algumas tensões grupais ou pessoais, mas chega um momento em que é preciso voltar à tarefa

trabalhava dessa forma. Não havia nenhum aluno lá que não fosse psicanalista, que não fosse alguém que já estava em análise, com um caminho andado. Então as pessoas sabiam que era uma abertura para entender algum ponto de atrito, de conflito, não necessariamente para se analisar. Não era um grupo terapêutico: o máximo que acontecia era que alguém dissesse “Fale com o seu analista, conte tal coisa na análise”, e pronto.

PARTICIPANTE Tenho a impressão de vivermos isso nesta supervisão grupal, uma vez que existem momentos em que você dá mais abertura e outros momentos que se faz mais fechamento, para que a tarefa não seja esquecida; para que justamente se possa fazer um contorno das questões emocionais do grupo, emergentes por um porta-voz, para que se possa ajudar a pessoa a criar um contorno e o grupo a criar um controle.

LUCÍA Há um enquadre. Se você vai para uma formação em grupos operativos sabe que vai para estudar, não para fazer um tratamento. A modalidade do grupo operativo faz com que se fale de algumas tensões grupais ou pessoais, mas chega um momento em que o coordenador do grupo diz: “Agora voltamos para a tarefa, isso você continua na análise, continue falando fora”; então não se fecha, mas também não se abre infinitamente. Você reconhece que existe um entrave, tenta trabalhar isso, mas não aprofunda. Não se diz nada parecido com um “agora virou terapêutico”.

PARTICIPANTE Mas parece interessante reconhecer que é algo que também se inclui na sua

transmissão, identifico esse espaço no nosso grupo de supervisão. >>>

PARTICIPANTE Sim, o que você aprendeu e o que você trabalhou parece se manifestar na sua forma de conduzir a supervisão, porque de fato você abre, mas também ajuda a fechar; por isso me chamou a atenção, estava ouvindo e pensando: Mas não é isso que a Lucía faz com a gente?

LUCÍA Então, olha uma coisa interessante, vamos reconhecer que vocês são um grupo mais receptivo porque com nenhum outro grupo eu tive uma conversa como esta, nem passou pela minha cabeça... Pode ser que isso se facilitou devido ao combinado de deixarmos um espaço aberto, de começarmos um pouco antes e terminarmos um pouco depois, vocês conversando sozinhos, que era uma tentativa de recuperar a lanchonete, o corredor do Sedes, e tudo mais, e se criou uma relação especial. Vamos reconhecer que sim.

PARTICIPANTE Nosso grupo dá essa oportunidade. No primeiro ou segundo encontro desse ano, eu cheguei a falar do valor de poder trazer os casos mais difíceis, os casos que em outros grupos ou outras situações de supervisão eu me sentiria mais perseguido pela performance que precisava passar, pela impressão que precisava causar. Uma coisa um pouco mais solta mesmo, que permite assumir que “Nesse caso, estou com muita dificuldade” e escutar dos colegas que “Ah, realmente é um caso difícil”. Acho que isso só é possível num grupo em que a gente está bem à vontade, a gente se sente seguro, acho que é a característica desse grupo aqui.

LUCÍA No modelo operativo, pergunto a você: O que está pensando? Porque você está silenciosa o tempo inteiro...

PARTICIPANTE Estou ouvindo, estou aprendendo bastante também aqui, e concordo que temos um grupo de supervisão com essa abertura, ao mesmo tempo que tem fechamento; mas estou mais observadora hoje, interessada na história.

LUCÍA É interessante pensar em como a psicanálise argentina influenciou muito a psicanálise

« brasileira; no entanto, esse esquema de Pichon-Rivière, dos grupos operativos, do trabalho teórico que não exclui algo pessoal e coisas assim, não se implementou tanto aqui.

PARTICIPANTE O que eu sei de Pichon-Rivière, a aplicação que conheço é mais na área educacional, pedagógica, com profissionais de escolas. **LUCÍA** Isso é importante, porque muitas crianças têm problemas de aprendizagem que querem dissociar da vida familiar, querem dissociar da história, e com esta teoria você não consegue dissociar. Tem que falar com a família, tem que ver o que está acontecendo, ou com a escola, qual é o ambiente escolar onde essa criança está.

Voltando um pouco para a história, o modo como a psicanálise argentina influenciou a psicanálise brasileira: quando nós chegamos aqui, há 40 anos, havia uma distância grande para nós que tínhamos trabalhado ativamente e viemos muito comprometidos. Mario tinha entrado na Sociedade de Psicanálise e eu também, mas depois vieram os movimentos Plataforma e Documento. E o interessante é que atualmente não poderíamos dizer que a Argentina esteja à frente: aqui houve um elemento divisor de águas, que foi a possibilidade de traduzir os livros diretamente para o português.

PARTICIPANTE Coincide com o que diz Fernando Urribarri, psicanalista argentino ligado à APA, ao afirmar que o futuro da psicanálise está no Brasil, na América Latina mas sobretudo no Brasil, diferentemente do que se dá na França, onde a quarta geração de franceses não saberia muito como seguir. Ele pensa que aqui há elementos mais favoráveis: tanto o caldo cultural quanto uma significativa formação freudiana, que também se abre para outras invenções...

LUCÍA Quando nós chegamos, os livros de Freud não estavam traduzidos, pouquíssimos autores franceses estavam em português; é verdade que muitos alunos brasileiros falavam francês fluentemente, todo mundo parecia ser bilíngue em relação ao francês, mas não se traduzia. E agora o

muitos alunos brasileiros falavam francês fluentemente, pareciam ser bilíngues em relação ao francês, mas não se traduzia. E agora o Brasil está na frente da Argentina em relação à quantidade de livros traduzidos de outras línguas

Brasil está na frente da Argentina em relação à quantidade de livros traduzidos de outras línguas, e acho que aí a situação se dinamizou, se divulgou mais, virou uma coisa muito mais dinâmica para a psicanálise.

A psicanálise latino-americana em movimento

PARTICIPANTE Poderíamos recuperar uma parte que talvez esteja um pouco no meio dessa história? Você citou a entrada que vocês tiveram na Sociedade Psicanalítica da Argentina, e o movimento Plataforma, que viu impasses em permanecer na Sociedade. E aqui em São Paulo, a história do Departamento de Psicanálise do Sedes também começa como uma alternativa à formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise...

LUCÍA É importante dizer que o Departamento passou a existir praticamente dez anos depois do Curso. O Curso se iniciou no ano de 1976, quando não estávamos aqui. Nós chegamos em 1977, e quem já estava era a Ana María Sigal, desde 1976. Foi um movimento de psicanalistas da Sociedade que quiseram abrir um espaço diferente, de não ficarem presos à Sociedade: aí estavam Roberto Azevedo, Fábio Herrmann, Luís Carlos Menezes, Isaías Melsohn. Mas transcorrido um ano, em 1977, a Sociedade de Psicanálise convocou essas pessoas para dizer-lhes que não era viável transmitir a psicanálise em dois lugares diferentes, que quem permanecesse no Sedes teria que renunciar à Sociedade, e dos 7 que estavam,

o Plataforma, o Documento foram movimentos importantes que estavam longe de acontecer quando chegamos. Em São Paulo, o único caminho um pouco diferente era justamente o curso que tinha sido aberto,

saíram 5. Foi justo quando nós chegamos. Mario conhecia Ana Maria porque trabalharam juntos na faculdade de medicina. Fomos conversar com ela, que nos apresentou à Regina Schnaiderman, que, junto com Roberto Azevedo, foram os criadores desse projeto de formação de psicanalistas do Instituto Sedes Sapientiae que dura até hoje. Logo depois apareceu essa chamada da Sociedade, e praticamente em um mês estávamos dando aula no Sedes, parecia incrível...

O Departamento surgiu no ano de 1985. Quer dizer, de 1976 a 1985 são praticamente nove anos, e o Curso já tinha se separado em dois; em 1979 houve a crise, no ano 1980 já foram, por um lado, Formação em Psicanálise e, por outro, Psicanálise, que éramos nós. Mas isso é outra história, que está também no livro da História do Departamento.

PARTICIPANTE Você contou que na Argentina fez outras atividades formativas, que não eram só do Lanús, e gostaria de recuperar um pouco de como elas se atualizaram em sua transmissão no Brasil.
LUCÍA Isso é importante, porque houve uma crise bem forte na Argentina. Vocês devem ter escutado falar dos grupos Plataforma e Documento: esse foi um rompimento dentro da Sociedade de Psicanálise de lá.

Até então, a Sociedade era absolutamente hegemônica, quer dizer, se você queria ser psicanalista o caminho era esse. Eu já tinha feito as entrevistas, já tinha sido aprovada para entrar, o Mario já estava cursando a Sociedade de Psicanálise, fazendo análise didática e tudo isso, mas aí

houve uma crise que começou num congresso na Itália, onde vários psicanalistas argentinos começaram a ficar revoltados frente a um esquema tão tradicional. Tão tradicional e exclusivo que não admitia psicólogos, nem candidatos de nenhuma profissão, salvo médicos, para cursar a Sociedade Brasileira de Psicanálise de então.

Emilio Rodrigué, famoso psicanalista argentino, foi então escolhido presidente da Federação Argentina de Psiquiatras – como todos éramos médicos, a Federação era de Psiquiatras – mas Rodrigué convocou a organização dos psicólogos, dos assistentes sociais, dos terapeutas ocupacionais, convocou todos a fazerem parte da FAP e todos passamos a ser reconhecidos como trabalhadores da saúde mental. O diploma se perdia um pouco na história, porque éramos trabalhadores da saúde mental, e aí se abriram cursos naquele local com o bar na esquina, que juntava profissionais de diversas áreas. Isso deu uma medida forte com a Sociedade de Psicanálise, porque eles não podiam dizer: “Aí não estão fazendo psicanálise, essas pessoas dissidentes”, e foi reconhecido como um lugar sério de trabalho. Assim começou toda essa ruptura dos grupos que saíram da Sociedade, o Plataforma, o Documento, e tudo isso.

Esses foram movimentos importantes, que aqui estavam longe de acontecer quando chegamos. Em São Paulo, o único caminho um pouco diferente era justamente o curso que tinha sido aberto, que se chamava Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, porque a condição que puseram para o Roberto Azevedo era: “Se você não quer sair de vez, não pode colocar Psicanálise, tem que colocar Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”. Só depois da ruptura, no ano de 1980, quando começaram os novos cursos separados em dois, nós colocamos Psicanálise.

PARTICIPANTE Penso na abertura dos lugares fechados – os lugares fechados da fazenda ou os lugares fechados do colégio interno – em conexão com seu desejo de uma formação também mais aberta, mais plural. Poderia nos falar do que se





abre a partir de rompimentos, de diferenças, dessas divergências em relação à IPA, tanto na Argentina quanto aqui?

LUCÍA Quando houve aqui o movimento de um convênio de Saúde Mental entre o Departamento e a Secretaria de Estado da Saúde, em 1984⁴, tentamos passar para os ambulatórios um pouco dessa experiência de Lanús, indo até lá para oferecer seminários e supervisões, porque até o dia de hoje as instituições públicas não oferecem supervisão, menos ainda um seminário teórico ou um grupo de discussão.

Esses convênios continuaram com a Erundina, prefeita a partir do ano de 1991, e em função deles, por exemplo, fiz análise institucional no ambulatório de Diadema. Era inédito, absolutamente inédito, todos os profissionais fazendo análise institucional para ver por que aceitavam ou não entrar em grupos de estudo ou de supervisão, coisas assim... Com um embasamento teórico mais forte, não só “se virar” para atender um paciente.

Tudo isso foi uma batalha, depois parou; por isso atualmente as pessoas vão para a Clínica do Instituto Sedes, que se propõe a um trabalho mais compromissado com a supervisão, com estudos teóricos, onde o trabalho clínico também faz parte da formação de um psicanalista.

PARTICIPANTE E a psiquiatria, Lucía, como ficou a psiquiatria para você? Inclusive a partir do flagrante do nosso grupo não ter nenhum médico...

LUCÍA Eu não compartilho muito o critério de que alguém pode ser psiquiatra e psicanalista; acho que chega uma hora que você tem que escolher, porque são trabalhos completamente diferentes. Aliás, se alguém é psiquiatra e psicanalista, então eu penso que tem pacientes que atende como psiquiatra e pode ter outros pacientes que atende como psicanalista, mas não sou a favor de que seja a mesma pessoa que medique o paciente e conduza sua terapia. Acho que são campos diferentes, assim como ocorre quanto à supervisão e à análise pessoal, uma sobreposição que não faz sentido.

O pensamento psiquiátrico é mais objetivo: como pensamento médico, orienta-se para apagar,

quando surgiu o curso Conflito e Sintoma, vários médicos – não só da área psiquiátrica, mas de outras áreas – buscaram conhecimento psicanalítico, assim como muitas pessoas da área de educação

para resolver o sintoma. Em casos de delírios isso pode ser necessário, mas assim que o sujeito vai melhorando tem que começar a trabalhar psicologicamente, psicanaliticamente. Acho que são caminhos diferentes. Quando surgiu o curso Conflito e Sintoma, vários médicos – não só da área psiquiátrica, mas de outras áreas – buscaram conhecimento psicanalítico, assim como muitas pessoas da área de educação, orientadores de escola que mudaram a dinâmica com os alunos, ao entenderem as problemáticas de diferentes formas. Há ainda no Departamento o GTEP, essa formação que se faz em diferentes cidades Brasil afora. Foram conquistas se fazendo ao longo dos anos.

Percursos da transmissão no Sedes

PARTICIPANTE No início, ao estruturarem a transmissão junto da Regina Schnaiderman, vocês precisaram adaptar algumas coisas ao formato “curso” devido à vocação do Sedes, expressa pela Madre Cristina. Nesse encontro muito bem-vindo, o que isso significou?

LUCÍA É verdade que para trabalhar com formação de psicanalistas é um pouco chocante o nome “curso”. A Ana Maria Sigal conta que os colegas do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras estranham: “Vocês estão em uma instituição religiosa e dando curso, o que é isso?”. Bom, mas Madre Cristina era fora da pauta, não tinha nada a ver com as freiras dos colégios de freira (risos).

os Ciclos de Debates do Curso de Psicanálise e os livros elaborados a partir possibilitam uma transmissão aberta, tanto para os membros do Departamento quanto para pessoas de fora

Por outro lado, por exemplo, os Ciclos de Debates do Curso de Psicanálise⁵ e os livros elaborados a partir deles têm muito a ver com os seminários que foram dados ao longo dos anos, e possibilitam uma transmissão aberta, tanto para os membros do Departamento quanto para pessoas de fora. Porque o auditório era aberto: a pessoa se inscrevia e podia participar dessa atividade ao longo de todo o ano – a cada mês, a mesa-redonda abordava uma temática teórica. Era uma forma de socializar um pouco mais a transmissão da psicanálise. Porque nós gostamos mais da palavra transmissão do que das palavras “formação” ou “curso”. Ainda que a “curso” não tenhamos como nos opor, é do Instituto.

PARTICIPANTE A gente pode pensar no curso escolar, mas também no curso de um rio, ou curso da vida, é possível abrir esses sentidos, embora dentro da instituição existam os formatos matrícula, aluno, professor... você vai contando uma história que a gente pode reconhecer como viva, também nos bons embates.

PARTICIPANTE É que curso dá uma ideia de aula, de professor, e a base do nosso curso são seminários, tanto clínicos como teóricos, então não é

exatamente um curso, mas o nome curso dá uma moldura para aquilo que está acontecendo, que é a transmissão. »

LUCÍA Agora que você falou... Quando nós chegamos o curso tinha um ano, começou em 1976 e eram aulas teóricas, todo mundo junto, 30 e tantas pessoas por ano na sala ou no auditório. Isso durou uns dois anos mais, porque além disso as aulas teóricas eram às 20h, 20h30 e você via o público meio dormindo, porque depois de um dia inteiro de trabalho, sentar-se em uma aula teórica, você escuta um pouco e o outro pouco se distrai.

Isso levou a uma mudança radical dois anos depois, dizendo: “Não, não vai ter mais aula teórica, salvo alguma palestra, alguma participação diferente, mas serão seminários, porque vocês têm a vivência e no seminário vocês têm que ler o texto que vai ser discutido, muitas vezes têm que apresentar o que vocês perceberam e pensaram desse texto”. É muito mais uma dinâmica de apropriação do teórico que está sendo transmitido, e não só de escuta. E praticamente nunca mais voltou a ter aula teórica. Isso é importante.

PARTICIPANTE Em sua entrada no Sedes, qual o primeiro grupo que você assumiu?

LUCÍA Um grupo de supervisão (risos). Roberto Azevedo estava sobrecarregado e falou: “Pega você”. O que ajudou foi que todos os livros estavam em espanhol, a maior parte dos livros de medicina estavam escritos em espanhol e a obra de Freud não estava traduzida em português e todo mundo lia em espanhol. Engraçado: naquele momento, as pessoas entendiam mais facilmente o espanhol do que agora. Era impressionante.

PARTICIPANTE Há mais de 40 anos no Brasil, você é argentina, nascida no Peru... Não precisa se definir, mas você se sente mais ligada...

LUCÍA O que falei da língua materna é que, por exemplo, pela influência da minha mãe, que era peruana, falava “tu” – essa diferença aqui não se percebe, mas na Argentina se nota perfeitamente.

Mas quando chegamos aqui com o Emiliano bebê e depois tivemos os filhos que nasceram aqui,

4 Sobre este tema, ver Fuks, M. P. “Psicanálise, Saúde Mental e Instituições: história de um projeto”. Boletim Online 23, novembro de 2012. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=23&ordem=3&origem=ppag

5 Trata-se dos cinco ciclos de estudos organizados pelo Departamento de Psicanálise no Sedes: *Leituras de Freud* (1995); *A clínica conta histórias* (1999); *Desafios para a psicanálise contemporânea* (2002); *O sintoma e suas faces* (2005) e *Psicanálise em trabalho* (2011), todos publicados pela Editora Escuta.



eu percebi claramente que essa história de língua materna é uma história. Porque não adianta, se estou em um lugar de fala portuguesa, é ridículo que eu pense que vou falar só espanhol com meus filhos, até porque – agora é menos frequente – havia babás e um monte de pessoas que participavam da vida familiar, onde a língua era o português. Não é a língua materna, é a língua de onde você nasce, é a vida de onde a família mora. Não adianta fazer essa divisão. Isso permeia tudo, permeia o ambiente.

Vocês podem se surpreender, mas falamos portunhol com nossos filhos, não falamos espanhol. Eles são bilíngues, até porque Mario e eu falamos o tempo inteiro entre nós e não vamos falar em portunhol. Então havia duas línguas permanentemente presentes, mas com eles, a influência da escola, da vida cotidiana, a influência de tudo, não íamos colocar uma coisa diferente, então era portunhol. Por isso digo que a língua materna é a língua do lugar onde você mora, o que há de principalmente marcante é isso.

PARTICIPANTE E com os pacientes, alguém falante da língua espanhola, isso mudou?

LUCÍA Se alguém é falante da língua espanhola, fala espanhol comigo. Mas isso é interessante, nunca foi um problema para os pacientes, importa a psicanálise, o restante não é tanto problema.

Memória e história

PARTICIPANTE Recentemente você falou sobre um movimento na Argentina de documentar quem saiu do país na época da ditadura, e que você pensou em fazer esse registro mais por conta do Emiliano, que saiu de lá pequenininho...

LUCÍA Essa foi uma surpresa para mim, pois, como falei, não fui uma militante ativa nos grupos clandestinos. Toda a minha participação foi institucional. Só que todas as escolhas que fui fazendo institucionalmente eram proibidas pelos militares, todas envolviam situações de comprometimento democrático de esquerda, e isso já

quando apareceu uma lista das pessoas que poderiam receber um benefício por terem sofrido a perseguição militar, eu estava certa de que Mario estaria, mas nunca pensei que eu estaria. E estava

convertia a pessoa em *presumível agitador ideológico*. Então a perseguição veio para mim também. E a prova veio muitos anos depois, quando apareceram os restos físicos identificados como sendo de Martha Brea, 34 anos depois. Tal como Gilou García Reinoso descreve em “Matar a morte”⁶, porque você pensa: “Será que foi para a Europa? Será que foi para outro lugar? Será que ela está incógnita, mas viva?”. Por dez, quinze anos, você continua pensando isso. Até que chega uma hora em que diz: “Não, ela não está viva”. Mas nunca se configura realmente como uma perda concreta, até chegar o registro de que ela foi fuzilada.

Para mim – não faz muito tempo, deve fazer um ano – me surpreendeu... Olha o que é a realidade psíquica e a realidade concreta: quando apareceu uma lista das pessoas que poderiam receber um benefício por terem sofrido a perseguição militar, eu estava certa de que Mario estaria, mas nunca pensei que eu estaria. E eu estava na lista. Isso me produziu um choque histórico. Depois pensei em não entrar nisso. Mas também Emiliano saiu do país em função dessas histórias, junto conosco, e os outros dois filhos brasileiros nos disseram: “Isso faz parte da história, por que negar algo que faz parte da história?”. Mas me surpreendeu esse registro.

PARTICIPANTE Como você pensa essa surpresa? Porque você estava ali, mas se sentiu chocada quando viu seu nome na lista...

LUCÍA O nome e a foto de todos. Porque eu não estava em nenhum lugar que não fosse conhecido publicamente, eu tinha um cargo eleito, tinha

a Clínica do Testemunho também foi importante porque já tinha acontecido na Argentina, quer dizer, as marcas históricas de cada um, de cada país estão presentes

um salário e uma série de coisas, toda uma vida profissional dentro dos moldes habituais. O que acontecia lá dentro era outra história, mas tinha um registro de algo oficial.

PARTICIPANTE Você chegou a visitar o Parque da Memória em Buenos Aires?

LUCÍA Demorei muito para ir, por um bom tempo eu não quis ir, depois fui.

PARTICIPANTE Há lugares em Buenos Aires que trazem muito para o cotidiano essa história, como ao caminharmos e vermos no chão: “Aqui foi sequestrado pela ditadura; aqui militou e foi sequestrado pela ditadura, fulano”; não são lugares secretos, são muito vivos.

LUCÍA Isso foi feito posteriormente. Mas isso me fez lembrar de outra coisa da realidade, das divisões ideológicas, porque o tio de Martha Brea era da Suprema Corte de Justiça, um cargo importantíssimo. O pai era professor da faculdade de medicina. Eu estudei com os livros dele, e todos estudamos com os livros dele. Mas especialmente o tio, no dia que a sequestraram eu fui avisar a família, porque pensei que conseguiriam socorrê-la, mas a família falou: “Ela quis isso, que se vire”. Não quiseram ajudar. Então, certas coisas são incríveis, incríveis!

PARTICIPANTE Você poderia comentar um registro do Sedes, o fato do Sedes ter instituído a Clínica do Testemunho, aqui coordenada inclusive

por uma argentina, Cristina Ocariz. O Sedes se engajou nesse esforço ainda antes, quando em 2010 sediou uma Caravana da Anistia do Ministério da Justiça. Como naquele momento isso chegou para você?

LUCÍA Foram momentos históricos diferentes. Quando nós chegamos ao Sedes, a Madre Cristina, (nesse andar onde está a secretaria agora) havia destinado uma sala para o MST, Movimento dos Sem Terra, se reunir. Ela havia cedido salas para que diversas entidades tivessem um lugar de encontro possível, então era realmente uma instituição bem diferente, parecida com o Lanús.

A Clínica do Testemunho também foi importante porque já tinha acontecido na Argentina, quer dizer, as marcas históricas de cada um, de cada país estão presentes. Quando Cristina assumiu isso aqui no Sedes, essa Clínica do Testemunho já acontecia na Argentina, com as Mães da Praça de Maio, com as buscas dos desaparecidos, com as provas de quem morreu, de como desapareceu. Toda uma história que já vinha se fazendo lá. Então ela liderou isso aqui, que foi muito importante que acontecesse, sim.

PARTICIPANTE As mudanças imensas que vocês viveram – vindo para o Brasil às pressas e se reconectando imediatamente com o trabalho num lugar novo –, junto a atributos pessoais seus, ajudaram a dar continuidade à vida e ao trabalho psicanalítico nos revezes que atualmente estamos vivendo com a pandemia e a condição *online*? Notadamente, a sua posição de escuta na supervisão, de professora e de coordenadora do nosso ano, permanece afinada.

LUCÍA Interessante você falar isso, porque são coisas que ficam no arquivo e não algo que atualizamos o tempo todo. Ficam no arquivo morto. Então me fez pensar que um dos elementos que permitiu tudo isso foi a permanência do afetivo. Quer dizer, saímos juntos, Mario, eu e Emiliano. Esse é o grupo familiar íntimo que se manteve e estávamos todos juntos, batalhando. Segundo, a assistência do meu irmão aqui abriu outra perspectiva. Minha família jamais participou de coisas



6 Disponível em: https://www.apdh-argentina.org.ar/sites/default/files/u6/matar_la_muerte.pdf

políticas, jamais concordaria com nada desse tipo, mas também sempre prevaleceu o afeto.

Quando chegamos, meu irmão nos recebeu no apartamento dele e ficamos lá quatro meses, até alugarmos um lugar. Até termos as coisas mais definidas. Ele jamais perguntou sobre nossa vida. O que importava era que estávamos aqui, e estava tudo bem. Ninguém da minha família de origem tinha o mesmo nível de comprometimento nessas questões, mas com todo mundo o afeto se manteve. O que ajuda nessas situações é que coisas importantes continuam. E quando chegamos aqui também a recepção, tanto de Ana María quanto de outras pessoas como a Regina, foi muito afetiva. Isaías Melsohn, até Roberto Azevedo, foi tudo muito afetivo.

PARTICIPANTE O que você projeta para você para a frente? A gente está falando bastante das histórias; como você vê o que virá?

LUCÍA Não sei. Pelo momento são muitos anos de trabalho. Às vezes penso em me afastar por um tempo, mas é sempre impressionante isso da importância afetiva que têm as atividades: o pertencimento a um grupo, o compartilhamento com colegas em diversos níveis e situações, tudo isso enriquece as pessoas. Não é só, digamos, um trabalho. Por isso faço uma diferença muito grande entre quem trabalha por necessidade de se sustentar e então visualiza a aposentadoria como algo bom, o fim dessa história, e quem trabalha em algo de que gosta.

Felizmente para nós, foi sempre possível trabalhar naquilo que gostamos. Isso faz uma diferença muito grande. Suponhamos, na pandemia,

alguém que fica completamente isolado. Então, digamos, essas inserções institucionais têm exigências, têm diferentes coisas, mas também enriquecem muito a quem está trabalhando.

PARTICIPANTE Como você se sente nesse momento do Brasil no Brasil?

LUCÍA Esse momento no Brasil foi umas das poucas vezes que pensei em ir embora. Simultaneamente, era algo absolutamente impensável, porque, na prática, o tempo de vida nosso é maior aqui do que na Argentina. Fora os vínculos familiares. Mas isso que estávamos falando, do Sedes e de todo o trabalho feito, as coisas acontecidas aqui, é também um suporte intelectual e afetivo.

Todas as coisas pelas quais se diz que o governo tem que mudar. Não são as pessoas que têm que ir embora, elas têm que batalhar para que as coisas mudem para melhor. A saída da Argentina não tinha alternativa, pelo risco de vida. Essa é outra história. Mas, aqui, ainda tenho possibilidades de batalhar. Poder lutar para não desaparecer.

O que nós estamos fazendo nesse momento de trabalho no Sedes é transmissão, e o compartilhamento presencial é muito importante. Por presencial me refiro a estarmos juntos, ainda que seja assim, *online*. Mas isso é presencial, e é fundamental para lidar com a gravidade do momento.

PARTICIPANTE Alguma outra coisa que você gostaria de nos dizer, Lucía?

LUCÍA Gostaria de dizer que gostei muito. Realmente, se para vocês esse ano foi especial, para mim, com todos os anos de experiência que tenho, este grupo foi muito especial.